



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SURDOS

Marcela de Souza FARIAS

Mestranda Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA – UNEB)

(marcelafarias207@gmail.com)

RESUMO

O presente artigo relata a prática docente realizada na turma da EJA para Surdos adultos do CAS Wilson Lins. Com o objetivo de identificar o nível de comunicação dos alunos, suas potencialidades, dificuldades e necessidades de adaptação, a aula foi desenvolvida com base na Pedagogia Visual. A Língua Brasileira de Sinais é uma língua natural de modalidade gestual-visual, proporcionando as pessoas Surdas, usuárias dessa língua o constituir-se como sujeito visual. A metodologia utilizada pela professora foi a pesquisa ação, por possibilitar uma pesquisa social tendo o profissional como participante. Ao planejar a sua aula o professor precisa considerar as peculiaridades pertinentes ao aluno Surdo como sujeito visual, que usa os olhos como canal de recepção da informação e o uso da imagética é fator determinante para o resultado de uma prática docente significativa para alunos Surdos da EJA. O aluno Surdo da EJA possui características que precisam ser consideradas na ação pedagógica e foram essas considerações que possibilitou o resultado da prática pedagógica aqui compartilhada.

Palavras-chave: Pedagogia Visual, Surdos e EJA

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos os Surdos¹ vêm sobrepujando as diversas barreiras que a sociedade hegemônica ouvinte lhe impõe na aquisição de aprendizagem. A História da Educação de Surdos passou por diferentes concepções: negação da possibilidade de educação formal, marginalização, negação de direitos, normalização e negação linguística. É um contínuo movimento de resistência e luta da Comunidade Surda² o exigir a garantia legal das políticas públicas educacionais com respeito à diferença linguística e cultural da pessoa Surda. É recente a aprovação da Lei que reconhece a Libras- Língua Brasileira de Sinais como meio legal para a comunicação de pessoas Surdas, a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, que a regulamenta. Mas ficou uma grande lacuna na discussão de escolarização para o aluno Surdo da EJA. A aprendizagem para esse público perpassa por uma ressignificação constante da prática pedagógica, pois na sala de aula existe uma heterogeneidade, são adultos Surdos com diferentes níveis de proficiência em Libras e com diferentes características. Existe regulamentação para a inclusão da disciplina de Libras nas licenciaturas e nos cursos de formação de professores, mas estes profissionais continuamente manifestam seu

¹ Baseado em Sacks (1998) *apud* Goldfeld (1997), o termo Surdo com S maiúsculo será usado para identificar as pessoas, diferentemente do termo surdo com s minúsculo que é usado para identificar a condição de surdez.

² Segundo Padden;Humphries (2000) *apud* Strobel (2008, p. 30) o conceito de Comunidade Surda diz respeito a um “grupo de pessoas que vivem num determinado local e partilham os objetivos comuns dos seus membros. Uma Comunidade Surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar”.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

descontentamento com relação a pouca publicação sobre prática pedagógica na sala de aula para esse público. O objetivo deste artigo é relatar experiência de algumas das práticas docentes que foram realizadas, na mediação educacional para avaliação diagnóstica na turma da EJA para Surdos adultos do CAS Wilson Lins. Durante a avaliação diagnóstica foram identificados o nível de comunicação dos alunos, suas potencialidades, dificuldades e necessidades de adaptação. Durante todo o processo de mediação, a metodologia de aula desenvolveu-se com base na Pedagogia Visual³.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Um pouco da história educacional dos Surdos

A história da educação de Surdos vem acontecendo desde a antiguidade e seria uma grande pretensão considerar esse espaço suficiente para todo o relato que cerca essa história, porém um breve recorte se faz necessário. Até o século XV, os educadores da época afirmavam que os Surdos eram ineducáveis, estes eram marginalizados pela sociedade que, influenciados pela ideia Aristotélica vinculava a surdez ao pensamento, declarando que o sujeito Surdo, por não ter linguagem através da fala, não tinha pensamento e, portanto, não podia ser considerado como ser humano. Nesse sentido, Moura (2000, p. 16) relatou “que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala”. Para ele, o Surdo não podia ser ensinado porque o pensamento estava diretamente ligado ao fato de ouvir e falar.

O Abade Charles Michel de L' Epée, começou seu contato com os Surdos ensinando religião. Deu passos ao encontro do sujeito Surdo no contato prático, diferente de outros educadores não ficou no seu gabinete teorizando, ao contrário, se inseriu entre eles e aprendeu a sua forma de comunicação e através da língua de sinais aprendida com os Surdos, criou um método para educá-los. Deixou um grande legado para a educação de Surdos. Seu Instituto em Paris se tornou a primeira escola pública para Surdos e alguns dos seus ex. alunos se tornaram professores em outros países como Estados Unidos e Brasil e ainda provou que toda teoria aristotélica era uma inverdade. De acordo com Moura (2000, p. 23), “[p]ara muitos ele foi o inventor da Língua de Sinais, mas a língua de sinais já existia. Seu mérito foi reconhecer a existência dela e afirmar que ela servia de base comunicativa essencial entre os Surdos”.

No ano de 1880, com forte influência de seu maior articulador, Alexander Graham Bell, os professores ouvintes votaram no método oral a ser utilizado na educação de Surdos. “... os professores Surdos foram banidos das escolas, e a língua de sinais terminantemente proibida.” (FERNANDES, 2007, P.62). Os relatos históricos mostram que durante anos as pessoas tentaram normalizar o Surdo, como cita Farias (2012, p. 106):

³ Segundo Campelo (2007), a pedagogia visual é pouco explorada e vêm gradativamente sendo pesquisada, mas é um tema que possui poucas referências bibliográficas. A Pedagogia Visual inclui a Língua de Sinais como um dos recursos dentro da comunicação e da educação. Os estudiosos e pesquisadores Surdos afirmam que a pedagogia visual ou pedagogia da diferença é uma prática pedagógica realizada considerando o processo educacional dos Surdos que “aprendem pelas experiências visuais e apreendem o significado do mundo por meio das interações em língua de sinais”. RANGEL; STUMPF 2004 *apud* BASSO; STROBEL; MASUTTI (2009, p.17)

Essa decisão marcou drasticamente a história da Educação de Surdos, dividindo a história em antes e depois do Congresso de Milão. Foi grande o declínio escolar e pessoal na vida dessas pessoas. O que estava em jogo não era a aprendizagem dos alunos Surdos, pois estes com a aquisição da Língua de Sinais podiam ter acesso à leitura e avanço educacional. Na realidade, houve um retrocesso na educação de Surdos, tendo em vista que a “nova” metodologia educacional objetivava “ouvintizar” o Surdo.

O Oralismo ou filosofia oralista define o Surdo a partir da deficiência, “visando a integração da criança Surda na comunidade ouvinte, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral no caso do Brasil, o português”, (GOLDFELD, 1997, p.30).

Os anos se passaram e os Surdos aprenderam a se opor se fazendo resistência, não deixando a língua de sinais “morrer”, se constituíram em movimento social e marcharam rumo a Brasília exigindo que seus direitos educacionais fossem considerados. Exigiam a criação de escolas bilíngues, onde a Libras seja de fato L1, com professores proficientes nela e o Português seja ensinado como segunda língua. Como relata Cunha Junior (2015, p.229):

O anseio por escolas bilíngues nas quais a Língua de Sinais e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo mobiliza os Surdos para que na prática isso possa ser concretizado. A conscientização se processa por meio de um movimento Surdo permanente...”.

2. METODOLOGIA

2.1 Contextualização do ambiente da pesquisa

O procedimento metodológico para a construção desse artigo desenvolveu-se através da pesquisa ação. A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social, realizada pelo surgimento de um problema coletivo. Nela pesquisador e participante se envolvem de modo cooperativo. “Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Prodanov; Freitas (2013, p. 66).

O procedimento metodológico aconteceu no CAS Wilson Lins, local onde a pesquisadora trabalha e toda a ação pedagógica aconteceu na sala de aula da EJA noturno. O público alvo foi composto por sete (7) alunos: quatro (4) sexo feminino e três (03) sexo masculino.

O CAS Wilson Lins foi a primeira escola de Surdos na Bahia, fundado em 17 de agosto de 1959. Criada por Wilson Mascarenhas Lins de Albuquerque que na época era secretário da Educação e Cultura do Estado. É uma instituição que atua há 60 anos na Educação de Surdos, e ao longo dos anos funcionou em diversos espaços. Em 29 de maio de 1992, a Escola Wilson Lins foi definitivamente instalada para o bairro de Ondina, em Salvador, onde se encontra até os dias atuais. A Escola Wilson Lins oferece suporte na Educação de Surdos para os diferentes sistemas de ensino, a partir de parcerias e convênios entre órgãos governamentais, principalmente Instituições de Ensino Superior (IES), Secretarias de Educação e Órgãos Não Governamentais (ONGs). Constitui-se em um espaço de formação continuada de professores, professores, instrutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. Oferece também escolarização no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), Educação de Jovens e Adultos (EJA) e AEE Atendimento Educacional Especializado (AEE). Em 2005, transformou-se em Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

de Atendimento às Pessoas com surdez, Surdocegos e Surdos com outras deficiências. O CAS Wilson Lins possui uma estrutura de cinco núcleos: núcleo de capacitação de profissionais da educação⁴, núcleo de convivência, núcleo de apoio didático-pedagógico, núcleo de tecnologias e de adaptação de material didático e núcleo de pesquisa. O CAS atua em consonância e articulação com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e dentre os vários serviços que oferece a comunidade, destaca-se os serviços oferecidos para os alunos e para os pais. Para os alunos são: curso de instrutor surdo, português como L2, Libras para crianças, Libras para adultos, preparatório para o Enem e estimulação linguística. Para os pais: orientação familiar e Libras.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 A PRÁTICA POSSIBILITA RESULTADOS

“A Educação de Surdos na Bahia Respeito às Diferenças” é a temática do projeto anual do CAS Wilson Lins para o ano de 2019. Todo início do ano letivo a instituição realiza avaliação diagnóstica com os novos alunos. Como professora da disciplina de Libras, desenvolvi uma mediação pedagógica para realizar avaliação diagnóstica dos novos alunos Surdos adultos da EJA noturno.

“[A] ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos, de modo que tragam para a aula a realidade vivida. É nisso que consiste a ajuda pedagógica ou mediação pedagógica”. (LIBÂNEO apud CARVALHO; MARTELLI, 2010).

Nesse relato de experiência trago um recorte da proposta que tinha como meta trabalhar com relação aos aspectos sócio-formativos: interação, comunicação, cooperação, acolhimento, diálogo, liderança e respeito às opiniões. No aspecto cognitivo: leitura de imagem e leitura de sinais em Libras. O objetivo principal da aula era diagnosticar e identificar o nível de comunicação dos alunos, suas potencialidades, dificuldades e necessidades de adaptação. O conteúdo da avaliação diagnóstica deveria reconhecer quais os tipos de comunicação dos alunos Surdos da EJA, sinal identificador deles, seu nome através do alfabeto manual e contextualização das ideias a partir do tema adotado. No mês de março é comemorado o aniversário de Salvador, por isso, essa foi a temática escolhida para desenvolvimento das aulas, através da pedagogia da diferença também chamada de pedagogia visual. Para os pesquisadores dos estudos Surdos a pedagogia da diferença percebe a pessoa Surda a partir de sua diferença linguística cultural e não pela visão clínica que o reconhece a partir da deficiência. Ao ressignificar a surdez como uma marca cultural e não como uma patologia, a pedagogia da diferença necessita de uma postura educacional que assuma seu papel emancipatório e transformador e que veja o Surdo como uma pessoa completa (RANGEL; STUMPF 2004 *apud* BASSO; STROBEL; MASUTTI 2009). O aluno Surdo utiliza uma forma de comunicação que se desenvolve no canal de comunicação espaço-visual.

⁴ Matéria sobre formação ministrada por professores do CAS, para professores e coordenadores da rede Estadual de educação no Instituto Anísio Teixeira CAS <http://educadores.educacao.ba.gov.br/noticias/encontro-sobre-educacao-inclusiva-discute-praticas-pedagogicas-para-pessoas-com-surdez>



Segundo Strobel (2008, p.39), é um sujeito que desenvolve toda a sua experiência de vida a partir de elementos visuais:

A experiência visual significa a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação. Desta experiência surge a cultura Surda representada pelas línguas de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo.

Sua compreensão de mundo também acontece através de expressões não manuais, por isso a pedagogia visual traz concepções de uma didática fundamentada na diferença como premissa capaz de possibilitar o empoderamento do aluno Surdo no processo ensino aprendido. Ele traz como parâmetro norteador a heterogeneidade que existe na diferença.

No primeiro dia a professora deu início a aula com a sua identificação, explicação sobre a disciplina e cronograma das aulas seguintes, toda sua comunicação foi mediada pela Língua Brasileira de Sinais. Ao explicar que o dia 29 de março era a data da fundação da cidade de Salvador, a professora percebeu que os alunos tiveram dificuldade para compreender o significado de fundação e foi preciso fazer uma correlação com o aniversário de Salvador. Com a explicação feita usando apenas a Libras, alguns alunos ainda tinham dificuldade em relacionar o signo ao significado. Ao final da aula a professora percebeu a necessidade de um replanejamento que possibilitasse uma ressignificação da mediação, objetivando a aquisição da aprendizagem através do uso da imagética para fazer inferência numa prática pedagógica significativa. REILY 2006, p.26 *apud* TAVIEIRA e ROSADO 2017, p. 33, “ressalta a necessidade da vivência do princípio democrático de letramento por meio da frase se a palavra é para todos, a imagem também tem de ser”.

Utilizando recursos da semiótica para mediar o conteúdo proposto, a professora usou as imagens de uma mãe gerando um filho e de uma carteira de identidade frente e verso, dessa forma conseguiu proporcionar aos alunos a correlação entre nascer, data de nascimento, fundar e identidade. Esse conteúdo poderia não fazer parte da disciplina, se o aluno Surdo da EJA não tivesse aquisição tardia de linguagem. Segundo Fernandes (2006), no Brasil mais de 90% das crianças Surdas nascem filhas de pais ouvintes que não se comunicam através dos sinais. Estas não tiveram acesso ao letramento em casa, uma vez que existia a barreira linguística. Alguns alunos são matriculados na Instituição para aprender a sua L1, isso na fase adulta. Fernandes (2007, p.107) relata que “[é] muito pequeno o número de Surdos que seguem seu desenvolvimento linguístico nos padrões de normalidade”. Nos anos de 1960, Wiliam Stokoe começou a realizar pesquisas linguísticas com a Língua de Sinais e através de suas investigações comprovou que ela possui todos os status de língua naturais: léxico, sintaxe, morfologia, fonologia, pragmática, ou seja, todas as propriedades linguística para ser reconhecida como língua. Um grande engano das pessoas é achar que a língua de sinais é universal, uma vez que cada país tem a sua língua de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.30), “as línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do Surdo ou como uma patologia da linguagem”.

Durante o planejamento da aula a professora rememorou o período que trabalhou na Coordenadoria de Apoio a Pessoa com Deficiência (COAP), no setor de inclusão para o mercado de trabalho. Nessa época uma das dificuldades para inserir o Surdo na empregabilidade era o fato da grande maioria não conseguir preencher a ficha de



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

identificação. De acordo com Pereira (2015, p.4), “[o]s sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), atualmente, são todos aqueles que não lograram êxito na educação básica quando criança e adolescente e, conseqüentemente, tiveram uma inserção no mundo social e do trabalho fragilizada...”. A docente preparou uma ficha de identificação para os alunos aprenderem a preencher na aula. A dificuldade que os Surdos possuem com esse preenchimento, também encontra resposta na falta de aquisição da sua L1, que dificulta para que este seja alfabetizado e a dificuldade com a sua L2, no caso do Brasil o português na modalidade escrita. Segundo Fernandes (2007, p.118), “nas escolas o português é ensinado com base na oralidade, situação que não favorece a aprendizagem dos alunos Surdos”.

Para a aula seguinte foi necessário mais uma adaptação, pois constatou-se que os alunos não conseguiam correlacionar mês por extenso e numeral e nem relacionar data de aniversário com a idade. Ficavam pensativos, sabiam dizer eu tenho tal idade, mas não sabiam explicar como. Então foi utilizado material emborrachado adaptado Libras/Português, ou seja, tinha todos os meses do ano escrito através da datilologia do alfabeto manual, português e o léxico da língua de sinais, que é o sinal referente. Também os números estavam em Libras e português, esse calendário permitia ser montado e desmontado, virando um jogo da memória, que ao final da aula foi usado para avaliar o aprendizado dos alunos. A avaliação acontecia a cada aula de forma processual, através da ficha de identificação, *feedback* e outros. Várias situações aconteceram durante as aulas, mas é necessário trazer o relato de uma que trouxe mobilização e mudança atitudinal. Uma aluna demonstrou muita dificuldade na realização da atividade e o colega começou a rir dela, mobilizando outros colegas para fazerem o mesmo e a situação não poderia continuar sem uma intervenção da professora, que precisou parar a aula. Após a intervenção o aluno compreendeu, mudou de atitude com a colega e imediatamente passou a auxiliá-la sendo o seu apoio na aula. Durante o período das aulas identificou-se que por ter um nível de proficiência básico essa aluna não tinha interação com os demais colegas, mantendo sempre um afastamento destes. Nesse nível geralmente os alunos possuem pouco ou nenhum conhecimento de Libras. O professor de alunos Surdos da EJA precisa considerar essa heterogeneidade ao realizar seu planejamento de aula, pois na sala de aula encontrará um público com diferentes níveis de proficiência e esta diferença possibilitará ou não a compreensão do conteúdo. Segundo Strobel, Basso e Masutti (2009, p. 21), a construção de uma proposta curricular para o ensino de Libras como L1, deve considerar os “níveis escolares: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos”. É preciso reforçar que a intervenção realizada pela professora, só foi possível porque além de proficiência na língua do aluno, ou seja, na Libras também mantém uma interação ativa com os Surdos atuando permanentemente na Comunidade Surda. Citando Vilhava, 2004, p.1 *apud* Farias e Córdula 2017, p.1) “Não é suficiente conhecer a Língua Brasileira de Sinais para poder atuar eficazmente na escola com o aluno Surdo. É também necessário conhecer a cultura Surda através da participação e vivência na comunidade Surda”. Durante as aulas houve a escolha de monitores, indicaram dois alunos que demonstravam compreensão rápida durante as aulas, destaque na liderança, durante o período de avaliação identificou-se que estes tinham um nível de proficiência avançado. As autoras STROBEL; BASSO; MASUTTI (2009, p. 21), definem esse nível como o período que os alunos Surdos “fazem uso mais elaborado da língua de sinais e a compreendem como objeto de conhecimento e produto cultural”.

No decorrer de outras aulas também foram trabalhados os parâmetros da Libras, através da mediação realizada com a utilização da imagética para mostrar o antes e



depois de alguns pontos turísticos e bairros de Salvador. Através de estudos linguísticos, evidenciou-se que na área da fonologia as configurações de mãos, locação e movimento são unidades mínimas que constituem os morfemas nas línguas de sinais. “A língua de sinais brasileira, assim como as outras línguas de sinais, é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenham funções”, (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.51). Os alunos e a professora ficaram encantados com a descoberta de uma Salvador que não conheciam. Durante a aula os alunos através dos sinais falaram de acontecimentos que marcaram a vida dos baianos, um exemplo foi o incêndio do mercado modelo, alguns demonstraram surpresa ao ver que no passado o Elevador Lacerda permitia uma visão panorâmica. Outro momento marcante foi quando a professora falou da música de Dorival Caymmi, que eternizou o bairro de Itapuã. Eles nunca tinham “ouvido” falar. Cada etapa da aula era um momento de descoberta. Ao verem a fotografia do Palácio Rio Branco, os que ainda não conheciam ficaram perplexos com toda aquela sofisticação e uma aluna que ficava sempre na dela por também ter nível de proficiência da língua intermediário, começou a sinalizar que já tinha ido lá, os colegas utilizando o parâmetro não manual da expressão facial demonstravam surpresa e contentamento. Durante toda a aula havia inferências da mediadora com relação ao uso correto das configurações de mãos e locações usada pelos alunos. Os alunos mediadores também participavam ajudando seus colegas a sinalizarem de forma correta. Com relação ao Palácio Rio Branco os alunos solicitaram uma visita técnica, mas a visita acabou não acontecendo, pois encontrou como impeditivo o fato de alguns alunos trabalharem no período diurno. Nas aulas posteriores também foi trabalhado a culinária baiana, os sinais de alguns cantores baianos, as festas populares de Salvador, Jorge Amado como divulgador da Bahia para o mundo e alguns dos seus livros que viraram novela. Não posso deixar de relatar aqui, que eles não conheciam o escritor Jorge Amado e não sabiam dos seus livros.

Na aula seguinte, foi usado o vídeo em Libras do poeta Maurício Barreto disponibilizado na rede, para alcançar uma outra etapa da avaliação diagnóstica com relação a leitura de sinais em Libras. O vídeo usa elementos da imagética para narrar a Cidade de Salvador, a partir do seu olhar de um Surdo. Segundo Farias e Córdula (2017, p.1)

As transformações educacionais para a pessoa Surda acontecem a passos lentos, e para que esses indivíduos usufruam das mudanças educacionais é necessária uma maior compreensão a respeito das peculiaridades de ser Surdo, valorização da Pedagogia Social, formação de professores e do engajamento da comunidade Surda.

4 CONSIDERAÇÕES

O relato de experiência aqui apresentado mostra uma prática pedagógica realizada na turma da EJA para Surdos adultos do CAS Wilson Lins. Garantir ao aluno Surdo o uso da sua língua como meio para acessar o conhecimento e a informação além de ser um direito legal é a forma de lhes possibilitar competência para alcançar o aprendizado e a emancipação educacional. O elogio, o perceber-se monitor trouxe um aspecto de valorização e aumento de sua auto estima. Muitas vezes os alunos da EJA são estigmatizados como incapazes e acabam interiorizando um sentimento de inferioridade. Quando esse aluno é Surdo, com aquisição linguística tardia, sem uma inclusão na Comunidade Surda e nem na comunidade ouvinte, esse sentimento é ainda mais elevado. No momento do planejamento o professor deve considerar que diferentes fatores caracteriza o aluno Surdo da EJA: aquisição



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

tardia de linguagem, diferentes níveis de proficiência, falta de contato com a Comunidade Surda, o fato de não ser inserido na escola no período de aquisição da linguagem, vulnerabilidade social e outros. O objetivo da aula obteve êxito, porque a metodologia da pedagogia visual possibilitou a superação das dificuldades do aluno e o alcance de suas potencialidades. Dessa forma conclui-se que na sala de aula encontravam-se alunos com diferentes níveis de proficiência: básico, intermediário e avançado e com diferentes histórias de vida, o que provoca uma ação pedagógica significativa que promova mudança e transformação na realidade do aluno. A prática docente deve considerar a heterogeneidade característica do público da EJA. A prática pedagógica compartilhada através desse relato de experiência permeou toda a sua mediação usando a imagética como elemento chave, considerando o fato da pessoa Surda se comunicar através de uma língua de modalidade gestual-visual e por isso, tem a recepção da informação através dos olhos.

REFERÊNCIAS

BASSO, Idavania Maria de S.; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia de Ensino de Libras – L1**. Universidade Federal de Santa Catarina.

Disponível em:

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXTO-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf> Acesso em: 05 de out. de 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 06 de out. de 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002** - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 2002. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 06 de out. de 2019.

CUNHA JUNIOR, Elias Paulino da. **O embate das Políticas Educacionais para Surdos**: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Jundiaí, Paco Editorial, 2015.

FARIAS, Marcela de S. Educação de Surdos: para além de uma inclusão educacional. **Tempo revista científica**. Faculdade Metropolitana de Camaçari. Volume 8. Número 01, Camaçari, Bahia, fevereiro de 2012, 270 p.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019

ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

FARIAS, Marcela de S; CÓRDULA, Eduardo B. de L. A inaplicabilidade de políticas educacionais para Surdos(as). **Revista Educação Pública**. Volume 17. Edição 7. Rio de Janeiro. 04 de abril de 2017.

Disponível em: < <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/7/a-inaplicabilidade-de-politicas-educacionais-para-surdos-as> > Acesso em: 06 de out. de 2019.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Ibplex, 2007.

GOLDELFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

LEBEDEL, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento Visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: RevinterLtda., 2000.

PEREIRA, Antônio. Os novos sujeitos da EJA e da educação social: as pessoas em situação de vulnerabilidade social. In: XII Congresso Nacional de Educação, PUCPR, 2015.

Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21013_8371.pdf> Acesso em 07 de out. de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; PERLIN, Gladis. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROSE, Mary A. de Carvalho; MARTELLI, Ivana. Os desafios da mediação pedagógica no curso de licenciatura em física (pro-licenciatura). In: Associação Brasileira de Educação a Distância' (ABED): Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/152010180227.pdf>> acesso em 09 de out. de 2019.



STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019
ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

Dados profissionais: formação e atuação:

Licenciatura plena em Pedagogia com habilitação em orientação educacional pelas Faculdades Integradas Olga Mettig. Graduação em Letras Libras pela Universidade Federal da Paraíba. Especialista em Libras e Educação Especial e Inclusiva. Professora de Libras no CAS Wilson Lins. Bolsista pela CAPES, atuando como professora mediadora no curso de Pedagogia Bilingue EAD, oferecido pelo INES com pólo na UFBA. Membro do grupo de pesquisa: GEPALÉ Bahia. Orcid.org/0000-0002-4090-056X.



Salvador 30, 31/10 e 01/11/2019
ALFAEJA
VI Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos